

QUINTA DO ASSENTISTA ATINGE 250 ANOS

Por Alves Silva

Não é um grandioso palácio, nem uma grande quinta, não é também o mais antigo — remonta a 1746 — o de Nossa Senhora dos Prazeres, na Buraca, já existia no século XVIII; no entanto, esta palácio do Assentista ainda é hoje o mais conservado em termos do seu traçado original, pois resistiu ao terramoto de 1755.

Situado na Falagueira, Rua Elias Garcia, chamemos a esta zona uma espécie de Centro Histórico (o título é nosso), local aonde se situa a própria Elias Garcia, ou antiga Estrada Real, com o seu historial já aqui contado; a Ermida da Lapa (hoje igreja paroquial da Falagueira), também do século XVIII (1759); o «Palácio», antiga Malaposta, da mesma época; Quinta de São Miguel ou do Tivoli. Muito perto um dos outros e sobre os quais já falamos em edições anteriores. Trata-se de um conjunto em parte envelhecido, mas possuidor de alguma importância arquitectónica a nível concelhio. Hoje, é a quinta do Assentista, que antes também foi do «Intendente» e depois das «Peles», que aqui citaremos.

Não obstante pouco se conhecer a respeito desta Quinta, mesmo assim, dos poucos informes, ainda há a referir o seguinte:

Teria sido construída para albergar a família real na sua passagem para Mafra, Ericeira, Belas, Sintra e Queluz, localidades com os respectivos palácios senhoriais a servirem de retiro ao rei e respectivo séquito. A palavra «Intendente», como chegou a ser designada inicialmente e depois «Assentista», derivam de uma espécie de representante do rei, cuja finalidade era fiscalizar a produção de trigo, fazer o respectivo assento das colheitas e encaminhá-lo para a manutenção dos barcos, não só do grão, como também da palha e cevada que «os assentistas proviam ao exército». Das «Peles», porque no princípio deste século esteve a Quinta, com o seu palácio alugada a um cidadão francês, o qual montou ali uma fábrica de curtimento de peles.

A casa, como se disse construída em 1746, tem um portão da entrada principal de uma certa imponência, tendo ao lado uma porta mais pequena. Sobre o portão ainda se lê a data da construção e já na parte cimeira encontra-se um frontão de estilo barroco, de cor branca, cor-de-rosa e ocre, muito parecido com o pórtico de uma igreja. Ao centro, num nicho, identifica-se a imagem de Nossa Senhora da Saúde ornamentada com um círculo de anjinhos, talvez em talha, «que possuem a graça das esculturas em talha dessa época. No alto, ergue-se uma cruz sobre um monte Golgotá em miniatura onde até se pode ver a porta do Santo Sepulcro», como nos diz Anne Stoop, in «Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa».

Refere a mesma autora que o portão é a tónica de toda a quinta... «onde o pátio, sobre o qual dá a residência e o jardim, está revestido por um belo empedrado com desenhos a preto e branco». O rés-do-chão, servia para instalar a criadagem e os utensílios agrícolas, mas mesmo estas têm muita luz natural e no Verão são frescas, com azulejos pombalinos, com flores e grinaldas de flores. A escada interior é estreita e construída para os serviços não tem grande importância arquitectónica. Mas já a escada exterior, a fazer a ligação do jardim ao salão nobre, era um dos cartões de visita e o orgulho dos proprietários. O primeiro andar tem decorações do século XIX, aquando de obras de beneficiação da casa, com cores de uma certa suavidade de tipo burguês. O salão nobre tem uma certa majestade forrado de cortinados de boa tapeçaria, decorada com elegância ao bom gosto do século XVIII.

Os jardins mantêm o tipo tradicional, com aleas enormes sustentadas por pilares de pedra granítica. Sebes, buxos, laranjeiras e limoeiros, das quais não se sabe a idade, dão ainda um cunho oitocentista a uma quinta a resistir, e bem, ao progresso. A casa esteve na mira de Junot, aquando das invasões francesas, com o intuito de instalar aqui um dos seus quartéis gerais.

Nela residiram Manuel Junqueira Patrone, António Wenceslau da Silva, Silva Rico, e o Dr. Azevedo Neves que muito lutou, entre outros, pelo progresso da Amadora. Posteriormente a quinta pertenceu a uma pessoa de apelido Puima e mais tarde a um cidadão francês, chamado Salé que ali instalou uma fábrica de curtimento de peles, como, aliás, atrás ficou referido.



QUINTA DO ASSENTISTA.